

Corporeidade indígena sob o ângulo da praxeologia

Artemis Soares¹

Resumo

Neste estudo procuramos discutir a corporeidade indígena sob vários ângulos, incluindo a visão da praxeologia motriz. Sabemos que poucos estudos têm sido feitos sobre o corpo do indígena brasileiro e que estes muitas vezes nada propõem de novo, já que não conseguem ultrapassar certos limites, impostos pela sua própria condição de herdeiro de um pensamento que se propõe ser universalista.

Alguns estudos sugerem novos elementos conceituais a serem desenvolvidos nas pesquisas de campo com populações indígenas, objetivando entender como o corpo aparece representado nas configurações ideológicas veiculadas por essas populações, sua relação com a pessoa e com as forças, espíritos e almas que povoam este e os outros “mundos” acessíveis à experiência. Logo, seu estudo tem como tarefa desvendar um corpo diferente do corpo do homem moderno, herança que se vem construindo desde a Grécia Antiga.

Podemos concluir que o corpo é inegavelmente o *locus* em torno do qual gira a vida das sociedades indígenas brasileiras conforme comprovam estudos de inúmeros antropólogos sendo por isso considerado que para compreender adequadamente a organização social e a cosmologia de uma destas sociedades, é necessário levar-se em consideração a noção de pessoa e o lugar que o corpo humano ocupa na vida das mesmas, na visão que elas fazem de si próprias. Portanto, estudar estas sociedades é procurar nelas compreendê-las.

Alguns olhares sobre o corpo

¹ FEFF-UFAM. artemissoares@ufam.edu.br

Podemos afirmar com uma certa segurança que efetivamente muito se tem estudado o corpo do homem ocidental, e que estes estudos garantiram-lhe uma tranquilidade temporária, o que pode significar uma determinada crueza do conhecimento, já que este tende sempre a se implementar e fazer novas conquistas e novas exigências, jogando o seu mentor na intranquilidade e insegurança.

Dado que esta é a história construída pelos homens, podemos dizer que apesar de todo o imenso conhecimento acumulado pelas várias ciências, muitas questões vagueiam nas diversas teorias e talvez exijam urgência em serem respondidas. Nesta complexidade, a antropologia se vê diante de um campo aberto de pesquisa e de um desafio a ser vencido. Cabe a ela, também, fornecer ao homem ocidental uma compreensão nova e mais ampla daquele que de imediato o situa no mundo.

Entretanto, sabemos que poucos estudos têm sido feitos sobre o corpo do indígena brasileiro e que estes muitas vezes nada propõem de novo, já que não conseguem ultrapassar certos limites, impostos pela sua própria condição de herdeiro de um pensamento que se propõe ser universalista.

Catafesto de Sousa² sugere novos elementos conceituais a serem desenvolvidos nas pesquisas de campo com populações indígenas, objetivando entender como o corpo aparece representado nas configurações ideológicas veiculadas por essas populações, sua relação com a pessoa e com as forças, espíritos e almas que povoam este e os outros “mundos” acessíveis à experiência. Logo, seu estudo tem como tarefa desvendar um corpo diferente do corpo do homem moderno, herança que se vem construindo desde a Grécia Antiga.

Sem dúvida falamos de um corpo que se expressa numa linguagem diferente e que, conseqüentemente, desenha configurações ideológicas outras. O autor coloca-nos diante de um problema que extrapola a compreensão que o homem moderno tem do seu próprio corpo, levando-nos a imaginar que a ideia que se

² José Otávio Catafesto de Sousa. O que é Afinal O Corpo Índio No Brasil Meridional? In: *Corpo e Significado - Ensaio de Antropologia Social*, Ondina Fachel (Org.) Porto Alegre: Editora da Universidade:1996

tem do corpo não se ajusta às atuais exigências, ou que as insatisfações que incomodam o homem moderno exigem o conhecimento profundo e sem preconceitos de outros povos e de outras culturas, para que através destes possa melhor compreender-se, reconstruir-se ou aceitar o seu fim.

De uma maneira geral, a compreensão que temos do corpo nas sociedades contemporâneas - o binômio indivíduo-corpo - não é referencial que permita o avanço que se faz necessário. Catafesto de Sousa sente e expressa a impotência do pesquisador quando se trata de fornecer uma nova compreensão a partir do conhecimento que tem do seu próprio corpo, herdeiro de um pensamento e de uma construção ideológica que dele dista, mas que não se perde. Ao contrário, quanto mais distante, mais fortalecida, principalmente quando se vê na escuridão teórica.

Decididamente uma nova via deve ser trilhada, e esta parte justamente da reflexão sobre os limites instituídos pelo binômio acima referenciado. Acreditamos que, sem exagero, podemos afirmar que estamos diante não só de uma sociedade diferente, a indígena, mas sobretudo paralela, apesar do intenso processo de mudança que vem sofrendo desde 1492³, quando Colombo aportou na América, e quando, em 1500 Cabral descerrou para o mundo a Terra da Vera Cruz, e mais enfaticamente, podemos garantir que o seu possível desaparecimento do conjunto das raças que compõe a humanidade não implicará no seu retiro da história cultural dos povos. Queremos com isto dizer que a sua herança não persistirá apenas naqueles que carregarem alguns de seus gens, mas em cada um daqueles que continuarem o legado humano.

Catafesto parte da hipótese de que o corpo e a pessoa aparecem representados nas configurações ideológicas ameríndias, de maneira distinta e talvez inversa daquela típica da matriz moderna, onde o indivíduo é o sujeito *mônada*, separado e englobante em relação ao seu corpo divisível, tornado

³ Oliveira Filho afirma que atualmente, na maioria das comunidades indígenas da Amazônia Brasileira, o padrão tradicional de descrição etnográfica está fadado ao fracasso. Hoje, não se trata mais de apreender esse grupo humano como se fora uma sociedade distinta e autônoma, mas de apreendê-lo dentro de um processo histórico específico de expansão do capitalismo nas áreas rurais periféricas e de articulação e subordinação de suas atividades econômicas, políticas e sociais aos interesses e estratégias de outras categorias e classes sociais. João Pacheco de Oliveira Filho, *A difícil etnografia de uma tribo em mudança. Anuário Antropológico/79*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro Ltda.

objeto "físico" sobre o qual incidem práticas terapêuticas mais ou menos organizadas a partir de uma indústria moderna do corpo. Esta representação não pode ser aplicada na compreensão das sociedades indígenas. Estas não podem ser compreendidas a partir da metáfora da mecânica corporal, e nem o indivíduo pode ser apreendido como ser atomizado, uno e exterior ao mundo dos fenômenos.

Apesar de se fazer aqui uma inversão na compreensão corriqueira do corpo pelas atuais correntes da antropologia, inclusive fugindo da compreensão restrita do individualismo, tentando ampliar a sua discussão, para entender a etnografia ameríndia é mister compreender que o emprego e a significação de alguns conceitos são necessários. Por exemplo, generalizações como englobamento, seguindo a sugestão de Dumont, se faz eficiente no entendimento de alguns dados anômalos na referida etnografia.

Nestes termos, o autor aceita a hipótese de que a mente do homem moderno estabelece uma relação com o corpo equivalente ao que Dumont⁴ chamou de velamento da hierarquia típica da configuração individualista. Nesta configuração o corpo é encompassado pela mente, pelo espírito, pela razão, pelo consciente, pela moral, social e individual, derivando condicionantes sobre o tipo da racionalidade "universalizante" em vigor também na ciência, tendência que se vê balanceada com os dados etnográficos coletados nos estudos dos ameríndios.

Por seu lado, Viveiros de Castro observa que a distinção entre natureza e cultura não pode ser utilizada para descrever dimensões ou domínios internos das cosmologias não ocidentais sem uma crítica etnológica rigorosa. Tal crítica impõe a dissociação entre os paradigmas que tradicionalmente se opõem sob os rótulos de Natureza e Cultura, universal e particular, físico e moral, objetivo e subjetivo, imanência e transcendência, corpo e espírito, etc.

O autor aponta que há a crescente indústria da crítica do caráter ocidentalizante de todo dualismo e que tem se manifestado pelo abandono de nossa herança conceitual dicotômica, porém as alternativas se resumem a

⁴ L. Dumont. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

desejos pós-binários um tanto vagos. Isto significa que ultrapassar um universo conceitual não exige apenas que o antropólogo ou qualquer outro estudioso o deseje. Tem sido constatado que as nossas categorias não são suficientes para compreender as sociedades exteriores à ocidental. Entretanto, construir novas categorias e novos conceitos é uma tarefa difícil e demorada.

Como sabemos é o "outro" que vai estender o seu olhar sobre o indígena e, assim sendo este olhar muitas vezes prende-se aos limites conceituais da matriz individualista dos pesquisadores, daí ser requerida uma certa cautela quando o objeto a ser estudado é a etnografia ameríndia. Mas, apesar dos perigos, muito já se avançou nos estudos dos índios

amazônicos, quando se conseguiu a relativização da configuração individualista na compreensão destes povos, conforme comprovam os trabalhos de Carneiro da Cunha⁵ sobre a pessoa Krahó e de Viveiros de Castro⁶ sobre a categoria de pessoa associada ao canibalismo cosmológico dos Awareté.

Este avanço foi permitido quando se concedeu a liberação de uma outra perspectivação da ideologia individualista, no que se refere ao binômio corpo - indivíduo, tendo-se em vista que a mônada individual que alicerça as crenças não tem correspondência evidente junto às sociedades indígenas, objeto da presente reflexão.

Muitos aspectos da cultura guarani já foram estudados pelos etnógrafos, podendo-se nomear a título de exemplo, a análise empreendida por Schaden da teoria da concepção e reencarnação e conceito de alma entre os grupos Guarani. Para estes grupos há uma comunhão perene entre "este" mundo e o Além, "... que para a mentalidade Guarani constitui um todo indissolúvel"⁷

Mais explícito ainda fica o paradoxo na postura Guarani diante do Mundo: Para o Guarani primitivo não há pecado, inexistindo na sociedade a prática de sanções, castigos, condenações, prêmios ou recompensas. Nesta configuração o acesso ao Além é o destino inevitável de todo o ser vivente.

⁵ M. Carneiro da Cunha. *Os mortos e os outros*. São Paulo: Hucitec, 1978.

⁶ E. Viveiros de Castro. *Araweté: os deus canibais*. Rio de Janeiro: Zahar. 1987.

⁷ Egon Schaden. *Aspectos Fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo:, EPU/EDUSP 1974.

Retomando a configuração ideológica de corpo na nossa sociedade, é bem verdade que ele tem sido aprisionado no campo do ponderável, do consciente e do racional. Tem sido um produto da intervenção social, transformação da ordem biológica dirigida pelas leis da mecânica fisiológica.

A lógica do *englobamento* indígena faz a inversão dessa ordem hierárquica, subordinando o consciente pelo inconsciente, o explicável pelo inexplicável, a mente pelo corpo, a realidade pelo sonho e pelo êxtase. Portanto, vemo-nos em órbita diante desta perspectivação. Não podemos negar o muito que se tem compreendido através da perspectiva do corpo do homem ocidental, mas como explicar, por exemplo, o englobamento do corpo dos índios Guarani?

Temos a certeza de que apesar da evidência dos dados empíricos oferecidos pelos

estudos etnográficos das tribos indígenas brasileiras, o pensamento ocidental, herdeiro da Escola de Mileto, não tem estrutura para aceitar a concepção ideológica ameríndia. Seria a

aceitação da derrocada do homem, construído pela nossa sociedade. Será, como anunciou Foucault (*As palavras e as coisas*), que estamos caminhando para o momento derradeiro do Homem? Como o estudo das sociedades indígenas brasileiras pode contribuir para a sociedade ocidental refletir sobre si mesma e encontrar seu próprio caminho?

“A originalidade das sociedades tribais brasileiras (de modo mais amplo, sul-americanas) reside numa elaboração particularmente rica da noção de pessoa, com referência especial à corporalidade enquanto idioma simbólico focal”⁸. Esta tese permite que se adentre e se compreenda estas sociedades. Porém, ela compreender-se a si mesma, poderia colaborar com a sociedade ocidental, dela adversa, resultante de um complexo desenvolvimento, que lhe é estranho e até incompreensível?

Breves Conclusões

Depois das várias leituras, é de se concluir que o corpo é inegavelmente o *locus* em torno do qual gira a vida das sociedades indígenas brasileiras

⁸ Seeger, da Matta, Viveiros de Castro, op. cit.1987.

conforme comprovam estudos de inúmeros antropólogos⁹, sendo por isso considerado que para compreender adequadamente a organização social e a cosmologia de uma destas sociedades, é necessário levar-se em consideração a noção de pessoa e o lugar que o corpo humano ocupa na vida das mesmas, na visão que elas fazem de si próprias. Portanto, estudar estas sociedades é procurar nelas compreendê-las.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, Koogan S.A, 1989.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo et al. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras, in Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil, João Pacheco de Oliveira (Org.) Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1987.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia, vol. I, São Paulo, E.P.U, Editora pedagógica e universitária Ltda., 1974.

ELIADE, Mircea. A provação do labirinto: diálogos com Claude-Rocquet. Tradução de Luis Felipe Bragança Teixeira, Lisboa: Publicações D. Quixote, Coleção figuras, 7, 6 ed., 1987.

LE BRETON, David. Anthropologie du corps et modernité. Paris: Press Universitaires de France, 1987.

RICOUER, Paul, Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando, Lisboa: Rés-Editora, Ltda. Coleção Diagonal, 1989.

SOARES, Artemis. A noção da pessoa e a importância da corporalidade. In: O corpo nas sociedades indígenas amazônicas. Tese de doutorado. Universidade do Porto, 2006, p. 2. (1-14).

SOARES, Artemis. O Corpo do índio amazônico- Estudo centrado no ritual da *Worecu* do povo Tikuna. Tese de doutorado. Porto, FCDEF-Universidade do Porto, 1999.

⁹ Idem, op. cit. Vidal, 1987. Oliveira Filho, 1988. Gruber, 1994; van Velthem, 1985, Lévi-Strauss, 1962; Turner, 1974, 1985; Viertler, 1976; Douglas, 1976; Vidal et Muller, 1987; Vidal, 1992, Teixeira Pinto, 1994.

XIV Seminario Internacional y II Latinoamericano de Praxiología Motriz: Educación Física y contextos críticos
Departamento de Educación Física
Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación
Universidad Nacional de La Plata

SOARES, Artemis. Ritual Tikuna e o Corpo- aproximações com o desporto. 1a.. ed. Porto (PT): Editora da Fac. de Ciências do Desporto e Educação Física, 2004, 108 p.